

FUTEBOL E POLÍTICA NO BRASIL (1970): estratégias de legitimação e construção identitária do regime militar

Eduardo Sales Gabriel¹

RESUMO

Neste artigo, busca-se compreender as intrincadas relações, no Brasil, entre futebol, política e sociedade, reconhecendo esse esporte como um dos mais importantes veículos de expressão e superação de diferenças entre os brasileiros, pois, tanto entre os atletas quanto entre os torcedores, as diferenças de classe, raça ou etnia são superadas pela força da paixão pelo futebol. A justificativa reside na centralidade do futebol para entender a dinâmica brasileira, incluindo a política. A pesquisa se concentra na Copa de 1970, levantando literaturas que expressem a intensa ligação futebol-política daquele período, bem como o preconceito intelectual que havia contra o esporte. Através do delineamento do evento, procura-se avaliar o clima da época, investigando a apropriação do futebol pelo governo militar de Médici, sem desconsiderar a paixão pelo futebol, que é inerente aos brasileiros, independentemente do governo. A metodologia é bibliográfica e documental, com a análise do periódico *O Pasquim* como fonte principal.

Palavras-chave: futebol agregador, autoritarismo, uso insidioso.

ABSTRACT

This article seeks to understand the intricate relationships between soccer, politics, and society in Brazil, recognizing this sport as one of the most important vehicles for expressing and overcoming differences among Brazilians. This is because, among both athletes and fans, differences of class, race, or ethnicity are suppressed by the power of the passion for soccer. The justification lies in the centrality of soccer to understanding Brazilian dynamics, including politics. The research focuses on the 1970 World Cup, examining literature that expresses the intense connection between soccer and politics of that period, as well as the intellectual prejudice against the sport. By delineating the event, we seek to assess the climate of the time, investigating the appropriation of soccer by the Médici military government, without disregarding the passion for soccer inherent to Brazilians, regardless of the government. The bibliographic and documentary methodology adopted involves a historiographical review.

Keywords: unifying football, authoritarianism, insidious use.

¹ Graduando em História pelo Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO). Artigo realizado para as disciplinas de Metodologia da Pesquisa em História e História Contemporânea, sob a orientação dos professores Dra. Lourdes M. G. C. Feitosa e Dr. Roger M. M. Gomes.

INTRODUÇÃO

No Brasil, futebol é um campo fértil para a produção de mitos e lendas. Segundo Da Matta *et al.* (1982, p. 34), "diz-se que um menino brasileiro, ao nascer, recebe um nome para honrar, uma crença religiosa para seguir e um time de futebol para torcer. Ignorar qualquer uma dessas três heranças é visto como uma inominável traição". Este artigo investiga a relação entre esse esporte venerado pelos brasileiros e a política nacional no período da ditadura militar, em especial, durante o governo do general Médici.

Neste texto, o governo autoritário desse período no Brasil será chamado de "ditadura militar", pois, de acordo com Reis (*apud* Moura, 2024, p. 1), as corporações militares de fato mandavam no país, embora o termo "civil-militar" tenha servido para evidenciar a participação de civis desde o estabelecimento da ditadura, em 1964", como, por exemplo, no movimento popular religioso e conservador denominado "Marcha da Família com Deus pela Liberdade".

A historiografia e a produção artística destacam uma "manipulação" ardilosa que o regime militar teria feito da conquista da seleção na Copa do Mundo de 1970, com o objetivo de encobrir a repressão, que foi a marca da ditadura na ocasião, além de fazer propaganda do governo Médici e legitimar o sistema autoritário, explorando o profundo apreço dos brasileiros pelo futebol para fomentar um sentimento de ufanismo, convertendo-o em apoio popular ao governo.

Episódios relacionados ao futebol e à política durante a ditadura militar são objetos de palpites e pouca documentação, devido à censura da época aos meios de informação; destarte, buscar-se-á aqui escapar das conjecturas, com fundamentação teórica relevante e sistemática, que evidencie a ideia inicial da pesquisa, de que o governo Médici se apropriou da conquista da Seleção Brasileira a fim de legitimar seu poder e desviar o foco da repressão no país (Ferrari, 2022, p. 1). Porém, ressalta-se que isso não deve macular a imagem do esporte predileto do povo brasileiro e parte importante da cultura nacional. Mostrar-se-á que personalidades importantes do futebol expressaram mais de uma vez sua aversão ao sistema político autoritário vigente na época.

A presente pesquisa se dedica a analisar que, de fato, Médici escorou-se na

conquista do tricampeonato no México para alimentar a retórica do Estado nacional-desenvolvimentista e justificar a repressão desenfreada àqueles que o regime classificava de “terroristas”, além de buscar recriar uma espécie de “pão e circo”, como na antiga Roma, ou seja, uma política demagoga, na qual governantes buscam cunhar um “apaziguamento superficial” entre eles e a sociedade, proporcionando condições para que não falem os bens mais básicos, e desviar a atenção popular dos problemas sociais e políticos ofertando-lhes entretenimentos (jogos e espetáculos), com a intenção de garantir a passividade e o contentamento do povo e a manutenção do poder. No caso brasileiro, as arenas de gladiadores eram substituídas pelo futebol (Sousa, 2024, p. 1).

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Discorrer sobre o contexto histórico em que se insere a Copa do Mundo de 1970 é crucial para compreender sua significância política e social no Brasil. A Copa de 1970 foi sediada pelo México, entre 31 de maio e 21 de junho. No final, o Brasil se tornaria o primeiro país tricampeão mundial de futebol. A ditadura militar brasileira começou em 1964 e durou até 1985. Durante esse período, o governo impôs censura, perseguições políticas e restrições às liberdades individuais (Rodrigues; Oliveira, 2014, p. 1). Como considera Savarese (2015), a campanha do Brasil na Copa do Mundo na Inglaterra, em 1966, foi lamentável, quando a equipe foi eliminada ainda na fase de grupos. Nas palavras de Batista (2018, p. 1):

Na Copa de 1966, na Inglaterra, a Seleção Brasileira chegou empolgada por ter sido a última campeã – venceu em 1962, mas fracassou ainda na primeira fase. Na estreia, chegou a vencer a Bulgária por 2 a 0, mas depois perdeu para Portugal e Hungria, ambos por 3 a 1, e deu adeus ao torneio mundial.

Conforme Priori (2004, p. 14), havia um impasse em Brasília, pois os líderes militares moderados falavam em permanecer no poder apenas até se constituir um governo aceitável pelo grupo, tal qual ocorreu em 1930, 1945 e 1954; após passar o momento crítico, o poder voltaria aos civis. Já os militares da linha-dura pretendiam ficar no poder por muito mais tempo. O golpe foi efetivado sob a alegação de que estavam libertando o país do controle comunista e do presidente João Goulart (1961-

1964), mas que o governo militar seria provisório e que eleições livres seriam realizadas em breve, mas isso não ocorreu. Piori (2004, p. 14) descreve assim o episódio:

Dentro das forças armadas brasileiras, existia uma grave cisão interna de ordem ideológica, e ainda havia outra divisão entre os moderados e a linha-dura. Os grupos concorrentes entre si defendiam pontos de vistas diferentes: um grupo defendia medidas rápidas, diretas e concretas contra os chamados subversivos, ou inimigos internos, estes militares apoiavam sua permanência no poder pelo maior tempo possível; ao contrário do grupo anterior, o segundo era formado por militares que tinham por doutrina a tradição de intervenções moderadoras. Estes procuravam permanecer no poder somente o tempo necessário até se formar um governo aceito pelo grupo.

Como mostra a história, foi feita a vontade dos militares da linha-dura, de modo que Pires (2020, p. 1) considera que, “quando decidiram permanecer no poder definitivamente e emitiram os decretos ditatoriais de 1968, também tomaram conta do futebol brasileiro como ferramenta de propaganda”. Esse articulista afirma também que, na época, futebol e política eram profundamente ligados, e conta que, quando o general Emílio Garrastazu Médici subiu ao poder, em outubro de 1969, a Seleção Brasileira de futebol era dirigida por João Saldanha, repórter e militante comunista, que acabou sendo dispensado do cargo dois meses antes da Copa. Saldanha acusou o governo de tê-lo rejeitado por ele colocar-se contra o regime militar. Os executivos dos clubes de futebol estavam perdidos: eles não sabiam se deveriam ser amigos dos generais ou manter os velhos laços.

Então, o país passou a viver sob a ditadura militar, instaurada em 1964, que implementou um regime de repressão política, censura e restrição das liberdades individuais (Lara; Silva, 2015, p. 4). Apesar da erosão dos direitos trabalhistas e sociais promovida pelo regime (Lara; Silva, 2015, p. 5-10), o governo militar, especialmente durante o período do “milagre econômico”, entre os anos de 1968 e 1973, buscava consolidar uma imagem de progresso e unidade nacional (Guterman, 2006). Com slogans como “Brasil, Ame-o ou Deixe-o”, que refletiam o clima nacionalista e a intolerância à oposição, o regime dividia a sociedade com exílios e cassações (Gandra, 2014).

Caldas (1986) argumenta que os esportes, entre outras manifestações, fazem parte dos aparelhos ideológicos do Estado; porém, o autor esclarece que, da mesma forma que o Estado autoritário conseguiu usar o futebol para reforçar o seu poder, o

mesmo pode acontecer em um Estado democrático, no qual esse mesmo esporte, através de seus protagonistas, é capaz de ofertar intensas expressões de amor à liberdade e à democracia, como enfatizado a seguir.

Uma evidência de que o uso midiático pelo Estado não pode se confundir com submissão de futebolistas a uma determinada política ocorreu em 16 de abril de 1984, quando, de acordo com Campos (2025), o risco para quem ousasse se manifestar contra o regime era bem menor. Helal Filho (2021) narra que, nessa data, na cidade de São Paulo, Sócrates, jogador da Seleção Brasileira que iria para um clube da Itália, foi ao comício das "Diretas Já". Um milhão de pessoas estavam no Vale do Anhangabaú; ele subiu ao palco e falou com o mestre de cerimônias Osmar Santos, que o puxou ao microfone; então, ele disse: "Se a emenda Dante de Oliveira passar na Câmara dos Deputados e no Senado, eu não vou embora do meu país" (Helal Filho, 2021). O público entrou em êxtase. Nesse episódio, o jogador Sócrates se valeu de sua popularidade no futebol e mostrou sua firmeza política, não em relação a um partido ou ideologia, mas em prol da aprovação da emenda das eleições diretas, da democracia plena. Assim, essa utilização pontual do futebol para enaltecer um governo autoritário não deve mitigar a capital importância desse esporte na vida brasileira, ou macular a imagem de jogadores e outros envolvidos nesse esporte.

A primeira manifestação pública para defender os presos e perseguidos pelo regime opressor se deu em um estádio de futebol (Jardim, 2019). Certamente não foi em 1970, período focado neste artigo, pois, na descrição de Ferreira Junior (2025), além da forte repressão física que fatalmente ocorreria, com prisões e possíveis mortes, os meios de comunicação ainda estavam proibidos de documentar qualquer manifestação durante os denominados "anos de chumbo", período mais repressivo da ditadura no Brasil, que foi de 1968, com a publicação do AI-5, até março de 1974.

Portanto, para ilustrar que o futebol pode ser utilizado para fins autoritários, mas também para defender direitos humanos e democracia, eis o resumo da narrativa feita por Jardim (2019):

[...] era domingo, 11 de fevereiro de 1979, e a chuva fez adiarem a partida de futebol entre Corinthians e Santos, no Morumbi; jornalistas foram avisados de que haveria uma surpresa antes do jogo. A torcida do Corinthians preparara uma manifestação política a ser feita no estádio.

Sobre isso, o colunista Kfourri (*apud.* Jardim, 2019) comentou: "Eu era amigo

dos envolvidos e fiquei sabendo! Eu tinha até os detalhes!”. Também Ruiz e Peters (2019) consideram que aquele jogo foi um marco contra a ditadura militar no Brasil. O protesto aconteceu como havia sido concebido por Fon e Malfitani e pela CBA (Comitê Brasileiro pela Anistia). Os jornalistas Antônio Carlos Fon e Chico Malfitani tremularam faixa com a frase “anistia ampla, geral e irrestrita”, e a manifestação recebeu apoio da multidão.

Por outro lado, Santos (2024) relata que alguns dirigentes de clubes demonstraram concordância, indiferença, adequação e até, em alguns casos, adesão ao regime, o que não deve ofuscar o papel do esporte. O dia 25 de abril de 1984, que deveria ser de festa pelo retorno da democracia plena, tornou-se uma ocasião de frustração na nossa história, pois os deputados rejeitaram a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 5, mais conhecida como Emenda Constitucional Dante de Oliveira. Segundo esse articulista, mesmo rejeitada, a emenda teve papel decisivo para unir a população em torno de um mesmo objetivo, a volta da democracia através de eleições.

DIVERSAS PERCEPÇÕES A RESPEITO DO FUTEBOL

Para Guterman (2006, p. 10), no Brasil, mesmo entre os integrantes da esquerda, há quem veja o futebol puramente como uma ferramenta política usada pelas elites para dominar as massas. Esse fenômeno se nota nas palavras de Da Matta *et. al.* (1982, p. 22):

No caso, o seu papel é desviar a atenção e mistificar o povo. Ou seja, só quem sabe o real papel do futebol na sociedade brasileira é a camada dominante (que o utiliza como ópio das massas) e os críticos da sociedade. A massa permanece na escuridão de sua idiotice crônica, incapaz de perceber seu sistemático engano.

Guterman (2006, p. 11) sugere uma análise mais profunda do futebol, abrangendo sua propriedade mágica que o distingue globalmente; depois, segundo o autor, deve-se buscar compreender a razão pela qual um esporte de alcance mundial se tornou particularmente identificado com um país, o Brasil. Entre o folclore do futebol brasileiro, existem fatos geralmente desprezados nas apreciações superficiais. Assim, mais até do que a história, o instrumento imprescindível a ser aplicado é a sociologia,

pois os mecanismos de influência do futebol na sociedade brasileira importam mais do que os episódios esportivos, em dois temas decisivos: 1) O resultado saneador de diferenças sociais; 2) A concepção da identidade nacional.

O que se busca neste artigo é ratificar que o futebol é, entre tantos outros, apenas mais um dos instrumentos usados politicamente de forma capciosa; porém, pretende-se patentear que ele, essencialmente, não possui nenhum caráter ideológico e que é artificialmente convertido nessa ferramenta quando é empregado por indivíduos e grupos que pretendem impor sua ideologia. Assim como a arte, o futebol brasileiro já foi conhecido como “futebol-arte”, ou seja, esse esporte está para o Brasil marcado pela inventividade, destreza e beleza, focando no deleite, na estética, e representa a capacidade de um povo de expressar sua cultura e talento no esporte, unificando o artístico e o ético à democracia e justiça. Macular essa expressão pura é agredir a arte e a alma de um povo:

A análise da ideologia pode ser vista como uma parte integrante de um interesse mais geral ligado às características da ação e da interação, às formas de poder e de dominação, à natureza da estrutura social, à reprodução e à mudança social, às qualidades das formas simbólicas e a seus papéis na vida social (Thompson, 1995, p. 16).

Existe o entendimento básico do futebol, que é o desportivo, que foca nos acréscimos físicos e no aprendizado de técnicas e táticas por parte dos atletas com a finalidade de superar o adversário em competições, e que estas levam entretenimento ao público. Porém, como se evidenciará, ainda há dois outros campos nesse debate, e que se opõem mutuamente: um deles defende o entendimento do futebol como um elemento agregador fundamental para um país das dimensões do Brasil. O futebol, para esses estudiosos, é um meio estratégico de superação de particularidades regionais ou de classes, muitas vezes conflitantes, atingindo-se uma uniformidade temporária; visão cultural e social que o percebe como uma atividade que une pessoas, representa identidade e cultura acessível a todos. O outro campo é o político, que busca utilizar a paixão pelo futebol e, principalmente, a sua capacidade de instigar as pessoas a aderirem ao nacionalismo, como expõe Vasconcellos (2008, p. 11):

As razões que fizeram do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas teriam sido a faculdade e a facilidade de provocar,

mesmo nos menores atores políticos individuais ou públicos, a identificação com a nação. A imaginária comunidade de milhões de concidadãos parece mais real, mais protagonista, na forma de um time de jogadores nomeados. O indivíduo, mesmo o simples torcedor, torna-se o próprio símbolo de sua nação.

Esse sentimento de gregário aflora mormente devido às competições internacionais, e facilmente passou a ser usado para beneficiar ideologias partidárias. Com o intuito de buscar uma compreensão de como isso se desenvolveu, busca-se as origens desses elementos no item seguinte.

ORIGENS DO FUTEBOL NO BRASIL

O futebol foi introduzido no Brasil por Charles Miller, no final do século XIX. Era estudante paulista que, ao regressar da Inglaterra em 1894, trouxe consigo bolas, uniformes e um livro de regras do esporte bretão; assim, ele é considerado o fundador do esporte no Brasil (Franco, s.d.).

Antes de ser estruturado em clubes e federação, o futebol já era praticado no Brasil (Streapco, 2010). A história, a população e a mídia se lembram das personalidades como Charles Miller e Oscar Cox; porém, o esporte foi primeiramente praticado por populares desconhecidos, e chegou aqui através de muitos caminhos, sobretudo onde a presença inglesa era maior, como áreas de portos e ferroviárias (Drumond, 2020, p. 44).

O desenvolvimento do futebol não se deu completamente separado do Estado; sua estruturação foi conduzida por dirigentes de clubes que pertenciam às elites políticas, econômicas e culturais, que frequentavam os mais reservados ambientes de poder (Drumond, 2020, p. 45).

Desde muito cedo, os dirigentes de clubes esportivos, conhecidos no início do século XX como paredros, mantiveram relações estreitas com o campo político, tanto por intermédio de políticos que buscavam utilizar o sucesso esportivo como um meio de aquisição do capital político, como de dirigentes esportivos que buscavam o apoio do Estado visando à obtenção de verbas ou outras vantagens (Drumond, 2020, p. 44-45).

Os mais antigos registros de futebol no Brasil são de 1875, em Curitiba. Nesse tempo, as ligas de futebol eram dominadas pela fidalguia; enquanto isso, esse esporte

tornava-se popular no interior. Só brancos jogavam; os negros e os mais pobres só podiam assistir. Os negros passaram a ser aceitos como jogadores na década de 1920; em 1933, iniciou-se a profissionalização. Desde a metade do século 19, os trens dominavam o país, e a malha ferroviária da época estimulou muito a disseminação do futebol (Germano, 2018).

O São Paulo Athletic Club, clube mais antigo de São Paulo, constituído por colonos ingleses, praticava várias modalidades esportivas, e foi o pioneiro no Brasil a praticar futebol; mas a Associação Atlética Mackenzie College foi o primeiro clube a ser formado especialmente para a prática do futebol, em 1898. O Fluminense Football Clube, criado em 1902, foi o pioneiro no Rio de Janeiro (Franco, s.d.).

A primeira Copa do Mundo foi em 1930, e o Brasil sagrou-se campeão em 1958, 1962 e 1970, tornando-se o primeiro tricampeão da história, conquistando, assim, definitivamente, a taça Jules Rimet; posteriormente, seria ainda campeão em 1992 e em 2002 (Silva, 2025). Para Santos (2024), tanto sucesso atrairia a atenção da política, que buscava se aproveitar desse sucesso em prol de suas ideologias; aspecto analisado a seguir.

O USO DO FUTEBOL COMO PROPAGANDA DO REGIME MILITAR

Uma breve visão da situação da política e da economia é importante para se entender melhor o contexto em que ocorreu a utilização do futebol como propaganda política. Entre 1968 e 1973, sob o governo ditatorial militar, o Brasil vivia um período econômico chamado pelo governo de “Milagre Econômico”. O Produto Interno Bruto (PIB) exibiu taxas de crescimento elevadas e sem precedentes. Porém, esse crescimento econômico era apenas ilusório, pois aumentou a concentração do produto total nas mãos de uma pequena parcela da população, gerando ainda mais desigualdade, corrupção, exploração da mão de obra, aumento da dívida externa, favorecimento a empresas ligadas ao governo, diminuição salarial da classe trabalhadora, etc. Para o mundo, o Brasil mostrava-se bem-sucedido economicamente, mas isso era considerado um fato apenas para as classes mais altas; os mais pobres padeciam com esse alto índice econômico imposto pelo governo (Habert, 2012, p.12).

Nesse cenário, a Seleção Brasileira de futebol de 1970 foi usada como

instrumento de *merchandising* pela ditadura militar brasileira. Com o grande sucesso do time, o governo do general Médici buscou fazer uso político da situação, principalmente após a vitória final da equipe brasileira, envolvendo-se propagandisticamente, de modo a convalidar a imagem do governo e acender nos torcedores, apaixonados pelo esporte, um sentimento de união nacional, afastando a atenção popular dos problemas e da repressão que havia na época (Nascimento, 2022, p. 12).

Guimarães (*apud* Ferrari *et al.*, 2022) afirma que “os slogans, incorporados com o tricampeonato, foram valiosos naquele momento da ditadura”. Para esse autor, a conquista encobriu efetivamente os debates a respeito da repressão, da censura, da violação de direitos humanos, de torturas e desaparecimentos; debates esses que, por força da própria repressão, ocorriam de maneira clandestina. Para esse articulista, a Copa de 1970 resume bem as relações entre regime militar e o uso do futebol como máquina de propaganda naquela ocasião. Ideia ratificada por Manzotti (2023): “Durante o período turbulento da história brasileira, entre 1964 e 1985, o futebol foi utilizado como uma poderosa ferramenta de propaganda pelo Regime militar, que buscava consolidar seu poder, promover sua ideologia e moldar a opinião pública”.

Conforme afirma Previdelli (2022): “O fracasso na Copa do Mundo em 1966 e a implementação do AI-5, em dezembro de 1968, foram varridas para debaixo do tapete depois que Emílio Garrastazu Médici assumiu o poder, em outubro de 1969”.

E segundo Guterman (2004, p. 32), os recursos midiáticos daquela época foram amplamente empregados pelo governo para unir a imagem da seleção de futebol ao presidente Médici; isso não foi difícil, já que Médici gostava muito desse esporte.

Manzotti (2023) enfatiza como os brasileiros têm uma paixão especial pelo futebol, por ser um esporte que vai além das barreiras sociais, étnicas e culturais, e o regime militar notou nesse fato uma ótima chance para conquistar apoio popular e reforçar sua imagem diante da sociedade.

Kfourri (*apud*. Basso, 2014) ressalta que o nível de independência das pesquisas daquela época é duvidoso, e isso dificulta saber quem apoiava ou quem repudiava a ditadura dentro do futebol, mas segundo ele, sabe-se que Médici foi o ditador militar do período mais sombrio da história do Brasil, e que os ídolos do futebol da época, “Pelé, Tostão, Gérson, Jairzinho, Rivellino e Carlos Alberto não usavam

fardas”. Simão (2024) afirma que:

Este horrível momento da nossa história, que causou mortes, torturas e prisão de seus opositores, também provocou alterações no futebol brasileiro, com o governo se apropriando das conquistas do país, ampliando uma falsa narrativa nacionalista.

Esses articulistas deixam claro que o futebol, ou seus representantes, não escolheram necessariamente fazer apologia à ditadura, mas foi o governo ditatorial que escolheu o futebol como seu “garoto propaganda”, por ser tão popular e por estar em uma gloriosa fase.

Três anos após a frustração em relação ao mundial de 1966, com a eliminação da Seleção Brasileira, o técnico João Saldanha garantiu a classificação para o Mundial de 1970. Ele era jornalista, membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Apesar disso, Saldanha não foi para o México com a seleção, pois foi desligado do cargo sem qualquer declaração pública sobre as causas disto. Talvez por não ter escalado Dario Maravilha, indicado pelo presidente Médici, e ainda ter declarado "Nem eu escalo o ministério, nem o presidente escala o time". Pode ainda ter sido pelo receio por parte do governo militar de que Saldanha enaltecesse publicamente o PCB enquanto estivesse no México (Basso, 2014).

Nessa conjuntura do vitorioso futebol nacional, houve a eclosão de uma disputa no cenário político brasileiro entre a direita, que havia tomado o poder através de um golpe de Estado, e forças de esquerda. Nesse período, ativistas de oposição também aproveitavam o ambiente criado em torno desse esporte para externar suas ideias políticas. Por exemplo, *O Pasquim* de junho de 1970 publicou o seguinte texto:

Um país inteiro para por causa do futebol, mas não para resolver o problema da fome [...]. Este sim é o ópio do povo! Faz esquecer-lo de que são explorados, subdesenvolvidos [...]. Estou torcendo para o Brasil perder! Assim o país voltará a realidade e verá que a vida não é feita de gols, mas de injustiças [...]. Nossa realidade não é tão infantil como uma jogada como esta, de Pelé, invadindo a grande área inglesa e... Pênalti! Pênalti! Juiz filho da mãe! Pênalti, seu safado! (*O Pasquim*, 1970, p. 11).

Uma publicação assim era uma ousadia enorme na conjuntura da época, e auxiliava a divulgar as inquietações da oposição sobre os desvios da atenção popular sobre a injustiça social realizados pelo governo.

No periódico *O Pasquim*, escrito em linguagem coloquial numa época de severa censura prévia, colonistas renomados como Ziraldo e Henfil empregavam humor inteligente, sarcasmo e irreverência para camuflar suas críticas políticas, visando driblar o rigoroso exame que os militares impunham aos meios de comunicação da época. Esse periódico semanal, fundado no Rio de Janeiro, teve sua primeira edição no dia 26 de junho de 1969 e fazia parte da denominada “imprensa

alternativa”. A edição 51 desse jornal, publicada no Rio de Janeiro entre 11 e 17 de junho de 1970, durante a ditadura militar brasileira, e cujo excerto se apresenta aqui, lançou mão mais uma vez desses recursos citados, como uma forma de resistência contra a opressão ditatorial. Com 36 páginas, essa edição contou com a colaboração de nomes como Paulo Francis, Jaguar, Henfil e Ziraldo. A última edição desse periódico foi de janeiro de 1991 (Castro, 2023). “Pasquim” vem de “Pasquino”, denominação de uma escultura mutilada na qual os romanos fixavam textos anônimos (Pasquim, 2008-2025).

Para além de seu papel político, O Pasquim operou uma verdadeira revolução na linguagem jornalística e no comportamento cultural brasileiro. Diferente da imprensa tradicional, que mantinha um tom austero e distanciado, o semanário apostava na oralidade, incorporando gírias, palavrões (muitas vezes substituídos por asteriscos ou neologismos criativos) e o clima de conversa de bar em suas páginas.

Esse estilo despojado, aliado a entrevistas longas e sem cortes, que se tornariam a marca registrada da publicação, gerou uma identificação imediata com o público jovem e a classe média intelectualizada. O sucesso foi estrondoso e inesperado: de uma tiragem inicial modesta de 20 mil exemplares, o jornal saltou para vendas que ultrapassaram a marca de 200 mil cópias semanais em seu auge, transformando-se em um fenômeno de massa que incomodava o regime não apenas pelo conteúdo, mas pelo seu vasto alcance popular.

Segundo Couto (2014), a luta entre direita e esquerda envolveu jogadores de futebol e a imprensa esportiva, e foi a “principal mediadora das batalhas simbólicas travadas entre jogadores, técnicos, dirigentes e torcedores de futebol, e dos atos e ações oficiais do Estado”. Assim sendo, pode-se afirmar que o futebol, a paixão do povo, foi, nesse período, um instrumento útil tanto para o Estado quanto para a esquerda brasileira, ou seja, sua utilização política não teve origem e direcionamento unilaterais.

Na década de 1970, a ARENA, partido do governo militar, teve queda de votos em seus candidatos, e o MDB, partido da oposição, aumentou o número de seus representantes eleitos. Então, os clubes das cidades onde a ARENA teve desempenho fraco foram convocados para a primeira divisão do campeonato nacional, o que gerou um ditado popular: “Onde a ARENA vai mal, mais um time no Nacional” (Santos, 2012, p. 12). Essa ação é bastante representativa em relação à

efetividade da busca governamental por relacionar futebol e política.

O Campeonato Brasileiro de 1972 expandiu a primeira divisão de 20 para 26 clubes, e a Confederação Brasileira de Futebol (CBD) convidou times que tinham novos estádios (Santos, 2024). Conforme patenteado em Brasil (1988, p. 11), ainda naquele ano, as eleições municipais foram favoráveis à ARENA, que elegeu 3.322 prefeitos; enquanto a oposição elegeu apenas 463. Em 162 cidades, não ocorria votação para o poder executivo municipal, e Médici simplesmente nomeava os prefeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as áreas de atuação humana podem ser empregadas para o enriquecimento das relações sociais ou, ao contrário, servir para instigar anacrônicas ideologias autoritárias e camuflar a barbárie. Ideologias extremistas e ditatoriais podem usar elementos caros ao povo, como a arte, a ciência, a religião ou o esporte, para se firmar e se expandir. Assim, é imperativo fazer constantemente uma fundamentada reinterpretação e reescrita da história.

Esse artigo procurou elementos na literatura que discutiam como o futebol, trazido ao Brasil por Charles Miller, no final do século XIX, serviu como artefato ideológico no Brasil da ditadura militar, focando a Copa Mundial de 1970, quando o país se sagrou campeão.

Em 1964, um golpe militar depunha o governo eleito pelo povo e infligia uma ditadura ao povo brasileiro. Em 1968, o grupo linha-dura de militares defendia sua permanência no poder por tempo indeterminado; enquanto o grupo dos moderados pensava em permanecer no poder apenas até se formar um governo aceito por ambos os grupos.

Entre 1968 e 1973, sob o governo ditatorial, o Brasil viveu um quimérico crescimento econômico, que acabou por concentrar o produto total nas mãos de poucos, provocando mais disparidade, corrupção, exploração da mão de obra e aumento da dívida externa, apadrinhamento a empresas ligadas ao governo, redução salarial, dentre outros aspectos.

A linha-dura venceu, e se apropriou do futebol para sua propaganda. O presidente Médici subiu ao poder em 1969, quando a Seleção Brasileira de futebol era

dirigida pelo esquerdista João Saldanha, que foi demitido dois meses antes da Copa do Mundo. Saldanha disse que isso ocorreu por ele se opor ao regime militar. Assim, o então condutor da Seleção era declaradamente contrário à ditadura vigente na época.

A documentação sobre ações do governo militar é parca, por força do regime opressor, mas isso não impede que se encontrem pontas soltas, que revelam que o governo Médici canalizou a conquista da Seleção Brasileira de 1970 para autenticar seu poder e distrair a atenção sobre as mazelas advindas com a repressão, em detrimento da reputação do esporte que é parte da nossa cultura.

Após o golpe de 1964, alguns dirigentes de clubes evidenciaram concordância; outros, indiferença ou adequação, e até adesão ao regime. Indivíduos de grande conceito no esporte se manifestaram contra a ditadura, mesmo sob grave perigo. Em 1984, Sócrates, jogador da Seleção Brasileira, subiu ao palco do comício das "Diretas Já" e mostrou publicamente sua adesão à emenda das eleições diretas e à democracia.

No Brasil, alguns entendem o futebol como mero instrumento político pelo qual as elites dominam as massas, servindo para desviar a atenção e mistificar o povo, que, segundo essa visão, seria incapaz de perceber esse processo, mas uma apreciação apurada revela a magia singular que torna esse esporte um fenômeno mundial, e ajuda a abarcar o que enseja a estima especial que o povo do Brasil tem por ele. A sociologia é um caminho para esse aprofundamento no tema, porque os mecanismos da influência do futebol sobre a população do Brasil são mais relevantes do que os fatos esportivos, sobretudo no saneamento das diferenças sociais e na arquitetura da identidade nacional.

O futebol tornou-se para o brasileiro uma forma de expressão artística, cultural e esportiva, e esses atributos não devem ser violentados por grupos que o utilizem de forma indevida. O futebol visa treinar os praticantes para vencerem competições, levar lazer aos torcedores; porém, a essa percepção lúdica, acrescentam-se ainda dois aspectos que se opõem entre si: um deles abaliza o futebol como um importante fator agregador, que promove a superação de diferenças, conectando indivíduos, criando uma identidade e uma cultura acessível a todos. O outro campo é o político, que em alguns casos usa essa e outras paixões populares, estimulando um nacionalismo ufano, que é depois usado para obter adesão a ideários.

Adquirir maturidade para se afastar desse artifício é um importante passo rumo

à democracia, negando aos tiranos a faculdade de destruir o que é mais caro para um povo.

REFERÊNCIAS

BASSO, Murilo. Sombras do regime militar acompanharam o futebol brasileiro. **Gazeta do Povo**. 31 mar. 2014.

<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/sombras-do-regime-militar-acompanharam-o-futebol-brasileiro-8csgxuy8xje8q2udgzc4nym/> . Acesso em: 21 maio 2025.

BATISTA, Daniel. Brasil não cai na primeira fase da Copa do Mundo desde 1966.

Terra. 22 jun. 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/brasil-nao-cai-na-primeira-fase-da-copa-do-mundo-desde-1966%2C94289724fb34eef7524ffa3e539d789b7kkg3hyp.html> . Acesso em: 22/maio/2025.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Dados estatísticos: 10º Vol.: eleições municipais realizadas em 1972**. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1988. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/items/88d4e154-de2b-4800-b985-22939416e4db> . Acesso em: 17 jan. 2026.

CALDAS, Waldenir. O futebol no país do futebol. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 3, p. 24-30, 1986. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ln/a/RcLcjBGCvfmYkHKsTcDm9Tj/?lang=pt> . Acesso em: 17 jan. 2026.

CAMPOS, Tiago Soares. **Governo Geisel**. Brasil Escola, 2025. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/ernesto-geisel.htm> . Acesso em: 22 maio 2025.

CASTRO, Mônica. *O Pasquim*. **Atlas Histórico do Brasil**, FGV- CPDOC, 2023. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/6288>. Acesso em: 17 jan. 2026.

COUTO, Euclides de Freitas. Football, control and resistance in the Brazilian military dictatorship in the 1970s. **The International Journal of the History of Sport**, v. 31, n. 10, p. 1267-1277, 2014. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2014.922069> . Acesso em: 17 jan. 2026.

DA MATTA, Roberto *et al.* **O Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DRUMOND, M. Entre políticos e paredros: as relações políticas do futebol brasileiro na primeira metade do século XX. *In*: S. S. Giglio; M. W. Proni (org.) **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020. p. 44-61.

FERRARI, Flávio et al. 'Salve-nos, Seleção': a relação entre a ditadura de Médici ea Copa de 1970. **Revista Digital Laboratório da Faculdade Cásper Líbero**, 2022. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/esportes/salve-nos-selecao-a-relacao-entre-a-ditadura-de-medici-e-a-copa-de-1970/>. Acesso em: 17 jan. 2026.

FERREIRA JUNIOR, Jair Messias. **Anos de chumbo**. Brasil Escola, 2025. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/anos-de-chumbo.htm> . Acesso em: 15 set. 2025.

FRANCO, Giullya. **História do Futebol**. Brasil Escola, s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/historia-do-futebol.htm> . Acesso em: 21 maio 2025.

GANDRA, Alana. "Brasil, Ame-o ou Deixe-o": regime divide sociedade com exílios e cassações. **Agência Brasil**: Rio de Janeiro, 31 mar. 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2014-03/brasil-ame-o-ou-deixe-o-regime-divide-sociedade-com-exilios-e-cassacoes> . Acesso em: 07 abr. 2025.

GERMANO, Felipe. O futebol chegou ao Brasil de trem – e muito antes de Charles Miller. **Superinteressante**, 29 maio 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-futebol-chegou-ao-brasil-de-trem-e-muito-antes-de-charles-miller/> . Acesso em: 17 jan. 2026.

GUTERMAN, Marcos. Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 29, n. 01, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9958> . Acesso em: 17 jan. 2026.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil**: o Caso da Copa de 70. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/bitstream/10037/1/Marcos%20Guterman.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2025.

HABERT, N. **A década de 70**. São Paulo: Ática, 1992.

HELAL FILHO, William. Doutor Sócrates: A militância política do ídolo da Democracia Corinthiana, morto há 10 anos. **O Globo**, 02 dez. 2021. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/socrates-biografia-exalta-atuacao-politica-do-idolo-da-democracia-corintiana-morto-ha-10-anos.html> . Acesso em: 06 set. 2025.

JARDIM, Roberto. Como o futebol brasileiro encarou a ditadura. **Nexo Jornal** 16 fev. 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2019/02/16/como-o->

[futebol-brasileiro- encarou-a-ditadura](#) . Acesso em: 04 set. 2025

LARA, Ricardo; SILVA, Mauri Antônio da. A ditadura civil-militar de 1964: os impactos de longa duração nos direitos trabalhistas e sociais no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 122, p. 275-293, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/NGwM4fhVhW4rhdnTNXZhpmm/?lang=pt> . Acesso em: 03 abr. 2025.

MANZOTTI, Thiago. O futebol como propaganda do Regime Militar. **Thiago Manzotti**, 13 jun. 2023. Disponível em: <https://thiogomanzotti.com.br/o-futebol-como-propaganda-do-regime-militar/> . Acesso em: 21 maio 2025

MOURA, Bruno de Freitas. Ditadura militar ou civil-militar? Saiba o que está por trás dos nomes. **Agência Brasil**, 31 mar. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-03/ditadura-militar-ou-civil-militar-saiba-o-que-esta-por-tras-dos-nomes> . Acesso em: 22 maio 2025.

NASCIMENTO, Lucas de Souza. Entre bola e bala: ditadura militar e a conquista da copa de 1970. **Das Amazônias – Revista Discente da UFAC**, Rio Branco – Acre, v.5, n.2, jul./dez., p. 11-21, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/6174/3906> . Acesso em: 13 nov. 2025..

PASQUIM, O. Rio de Janeiro: **O Pasquim**, , n. 51, 11-17 jun., 1970.

PASQUIM, *In*: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pasquim> . Acesso em: 24 nov. 2025.

PIRES, Breiller. A seleção que ‘presenteou’ a ditadura com uma taça. **El País**, São Paulo, 07 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-07/a-selecao-que-presenteou-a-ditadura-com-uma-taca.html> . 09 abr. 2025.

PREVIDELLI, Fabio. Como os clubes de futebol lidaram com a ditadura militar. **Aventuras na História**, 27 nov. 2022. <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/como-os-clubes-de-futebol-lidaram-com-a-ditadura-militar.phtml> . Acesso em: 21 maio 2025.

PRIORI, Angelo Aparecido. A Doutrina de Segurança Nacional e o manto dos Atos Institucionais durante a ditadura militar brasileira.. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 35, p. 1-4, 2004.

RODRIGUES, Tácido; OLIVEIRA, Felipe. Futebol foi utilizado pela ditadura; conheça contextos. **Agência de notícias UniCEUB**., 04 abr. 2014. Disponível em: <https://agenciadenoticias.uniceub.br/esportes/o-futebol-na-ditadura/> . Acesso em: 05 set. 2025.

RUIZ, Felipe; PETERS, Renato. Conheça a história do Corinthians x Santos que representou a luta contra a ditadura. **GE Globo**, São Paulo, 27 out. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/conheca-a-historia->

[do-corinthians-x-santos-que-representou-a-luta-contra-a-ditadura.ghtml](#) . Acesso em: 05 set. 2025.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Mais uma profícua etapa da caminhada revolucionária”: clubes de futebol em tempos de Ditadura Civil-Militar no Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 44, n. 97, p. e284358, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/PG3Sjdy9YQgHJ3Jh7Gjw3ML/?format=html&lang=pt> . Acesso em: 22 maio 2025.

SANTOS, Daniel Araújo dos. **Futebol e Política**: a criação do campeonato nacional de clubes de futebol. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais). Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/1c27b10d-6a78-43e1-be37-95b60a8590b1/content> . Acesso em: 13 nov. 2025.

SAVARESE, Mauricio. Futebol brasileiro e política (corrupta) – uma breve história. **Folha de S. Paulo**, 2015. Disponível em: <https://frombrazil.blogfolha.uol.com.br/2015/06/24/brazilian-football-and-corrupt-politics-a-brief-history/> . Acesso em: 08 abr. 2025.

SILVA, Daniel Neves. **Copa do Mundo**. Brasil Escola, 2025. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/copa-mundo.htm> . Acesso em: 11 set. 2025.

SIMÃO, Patrick. A Ditadura Militar e o futebol brasileiro. **Mídia Ninja**, 01 abr. 2024. Disponível em: <https://midianinja.org/a-ditadura-militar-e-o-futebol-brasileiro/> . Acesso em: 21 maio 2025.

SOUSA, Rainer. **Debatendo o Pão e Circo**. Canal do educador, 2024. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/debatendo-pao-circo.htm> . Acesso em: 06 set. 2025.

STREAPCO, J.P.F. “**Cego é aquele que só vê a bola**”. O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S.C. Corinthians Paulista, S.E Palmeiras e São Paulo F.C. (1894-1942). Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://cev.org.br/media/biblioteca/4023715.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2026.

THOMPSON, Jhon B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

VASCONCELLOS, Douglas W. **Esporte, poder e relações internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.